

[illegible]

Julho 1997

17

Ensino do léxico e dicionário básico da língua oficial de Moçambique

- cores e idade

M^a José Albarran
de Carvalho

O Considerável experiência docente - Língua e Linguística Portuguesa - a público moçambicano, dentro e fora do seu país, acautelou o processo de ensino-aprendizagem do léxico entre aqueles destinatários. Alguma problemática revela-se habitual entre todos os aprendentes das mencionadas disciplinas, outra julga-se mais relevante para contextos de segunda língua / língua oficial (l. of.). Aqui serão abordados casos, respeitantes à l. of., particularmente envolvidos por uma actualidade eivada de multiculturalismo e aceleração do conhecimento científico. São questões da área do léxico da cor e da idade, que previamente se enquadram em breve apontamento relativo aos dicionários de maior adequação aos aprendentes em foco.

Relegada para fora da dicionarística na tradição lexicográfica portuguesa, a sintaxe só muito recentemente aparece contemplada. Veja-se o *Dicionário do Português Básico*

(*) Escola Superior de Educação de Beja.

(M. Vilela: 1990) - o mais apropriado ao ensino, entre os disponíveis ⁽¹⁾, e doravante tomado por modelo - na seguinte explicação do plano e no exemplo:

acompanhar [akôpanjár] v. tr.

(pessoa) **acompanhar** pessoa a lugar: (1) - *Ainda é cedo. Eu acompanho-te até à escola.* • (pessoa) **acompanhar** coisa abstracta: (2) *Ele zangou-se e acompanhou as suas palavras com gestos de ameaça.* (3) • *Quando soube da catástrofe acompanhei as notícias a para e passo.*

G. 1. Conj. 5

G. 2. O verbo *acompanhar*, além de complemento directo, é muitas vezes seguido dum complemento de lugar regido pelas preposições *a, até, em*, etc. (frase 1).

S. Acompanhar pessoa tem por sins.: IR, VIR COM, AO LADO DE. _ *Acompanhar* coisa (frases 2, 3) tem por sins.: ESTAR A PAR, SEGUIR COM ATENÇÃO.

VOC. **Acompanhamento** (n. m.): Eles acompanharam o cantor à viola e à guitarra. • *O acompanhamento musical fez-se a viola e à guitarra.* • **Acompanhante** (n. m.): O bilhete é válido para o titular e a pessoa que o acompanhe. • *O bilhete é válido para o titular e acompanhante.*

A apresentação *supra* das estruturas da língua estabelece uma íntima relação entre os sentidos e a rede de laços sintácticos de cada item, com consideração pragmática do contexto semântico e situacional, i.e., numa perspectiva de «pragmática integrada» (F. Recanati: 1981). A ela se acrescenta a inclusão de informações morfológicas que relacionam vedetas de entrada com itens seus derivados. Encarada como categoria semântica ocorrida num contexto sintáctico, cada entrada lexical inclui a anotação de antónimos e de itens analógicos, *v.g.*: a palavra *instrumento* que integra, nas observações semânticas, uma breve referência aos instrumentos musicais. Não se trata, por conseguinte, de dicionário limitado à seriação de sinónimos, configurado segundo o pressuposto de a realidade central ser a «palavra» (G. Gross: 1980).

Nas abonações, a sintaxe privilegia o verbo. Este é apresentado com as suas valências, dependências ⁽²⁾, tal como os adjectivos e nomes, na selecção de infinito, conjuntivo,

Pronúncia, categoria gramatical.

Construções sintácticas usuais:

USOS Tipo de sujeito indicado à esquerda do verbo (pessoa, coisa); tipo de complemento à direita do verbo e o seu carácter obrigatório ou facultativo; frases-tipo construídas com um verbo. Frases de linguagem corrente.

EXPLICAÇÕES

G. Explicação gramatical: indicação da conjugação, do tipo de complemento, etc.

S. Explicação semântica: sinónimos e contrários segundo as construções sintácticas.

VOC. Explicação lexical: palavras derivadas definidas por transformação de frases.

preposição, caso, etc. São também inseridas listas das diferentes conjugações. Nos nomes distinguem-se: comuns, próprios, concretos, abstractos, contáveis, massivos. Os adjectivos são apresentados como predicativos / não predicativos, uniformes / bifformes e em variação irregular de grau. Para os nomes e os adjectivos referem-se femininos e plurais irregulares.

Trata-se de um dicionário de léxico seleccionado a partir das listagens do *Português Fundamental* (1984), expandido por áreas relativas às diferentes disciplinas escolares e aos usos dos domínios de comunicação quantitativamente mais produtivos.

Foi, consequentemente, o critério de frequência de uso que permitiu decidir sobre os itens a inventariar na macro-estrutura do dicionário. A natureza básica justifica a não inclusão de elevado número de fraseologias a

(1) Situação a ser alterada pela futura publicação de dicionários em conclusão.

(2) *Valências / dependências*, i.e., itens de ocorrência determinada pela de outros numa dada construção frásica, requerida pelo verbo em (Busse-Vilela:1986), ou, na gramática tradicional, relações de *regido, subordinado, complemento* (Dubois:1991).

propósito de cada vedeta. Apenas algumas são consideradas, do mesmo modo se procedendo com expressões do tipo das locuções verbais fixas e metáforas mortas.

As categorias estruturantes dos verbetes – verbo, nome, adjetivo, advérbio e preposição, i.e., as lexicais – não se afastam da prática tradicional da lexicografia portuguesa. O manuseamento, passivo / activo, por público de destinatários maioritariamente constituído de jovens em idade escolar, aprendentes da língua portuguesa (Lp) como língua segunda ⁽¹⁾, originou a conservação da terminologia ainda em curso. Nesta área, portanto, não é um dicionário inovador. Iludindo adjetivos não atributivos (classificadores) – já incluídos em gramáticas correntes –, não deixa, porém, ao designá-los de não predicativos, de referir que não variam em grau, e, numa actualização pela literatura didáctica da especialidade, introduz os atrás mencionados traços contável e massivo na tipologia de nomes.

Em síntese, esta descrição lexicográfica inscreve-se numa linha de ensino do léxico fundamental sob ângulo não simplista, como seria um mero inventário de palavras.

Delimita-se o «mínimo indispensável» para se obter uma determinada «finalidade comunicativa» (E. Beneš: trad. 1976: 301), o que implica inter-relação com um mínimo gramatical, i.e., o mínimo produtivo por domínios. Como dicionário básico, não tem por objectivo o alcance integral daqueles domínios, mas apresentar, nos verbetes, vedetas legitimadas pela interacção verbal oral / escrita.

Daqui decorre que, além do cálculo de palavras frequentes, foi também considerado léxico disponível o obtido em processos de alargamento por regras morfológicas de alta produtividade. Integradas numa semântica frásica, as entradas lexicais são passíveis de descrição contextual – de informação

relativa a possível combinatória – em notações metalinguísticas orientadas para o aprendente, i.e., terminologia virada para inserção na aprendizagem das línguas vivas e para compatibilidade com futuras gramáticas perspectivadas do mesmo modo. É um tratamento que não se circunscreve às definições analíticas dos dicionários gerais. Em M. Vilela (1996), a «rede de relações», além das anteriores informações, integra **conversões, incompatibilidades, híponímia, meronímia, equivalências**. Nos contextos gramaticais de pertença de cada palavra, nas suas possíveis colocações, são considerados «aspectos estilísticos e semânticos, sintácticos e colocacionais» (*id.*: 1995: 226). Ou seja, uma «inventariação mais ou menos alargada de padrões paradigmáticos e sintagmáticos que o dicionário compendia e portanto disponibiliza em termos de informação» (*ib.*).

Para a realidade dos países de l. of. portuguesa, em que a quase totalidade da população, sobretudo a rural, a aprende pela via institucional escolar, um dicionário apropriado deverá ser um dicionário básico, organizado segundo modelo similar. Isto é, baseado em pesquisas de tipo idêntico às do *Português Fundamental* (1984) e às do *Nível Limiar* (J. Casteleiro *et al.*: 1988) – previamente realizados nos diferentes países (no caso moçambicano, v.g.: Universidade Eduardo Mondlane, Instituto Nacional de Desenvolvimento da Educação, Instituto Superior Pedagógico-Universidade Pedagógica). Benéfica se julga uma perspetivação didáctica de acordo com o atrás caracterizado *Dicionário do Português Básico*. Este, como qualquer outro tipo de dicionário a futuramente ser feito / publicado para aqueles países, deverá incluir referência a variação nas diferentes componentes do sistema da Lp, correlacionadas, quando necessário, com diversos registos⁽²⁾. Recomenda-se, porém, uma testagem da obra, em uso desde 1990

(1) Por língua segunda entende-se toda aquela que não for a primeira, podendo ter sido adquirida em terceiro, quarto lugar, etc.

(2) O registo de língua contém a oposição discurso planeado, cuidado / discurso espontâneo, corrente, em ambos os códigos – oral, escrito – das línguas.

em Portugal, junto dos públicos africanos - jovens e adultos - para eventual redefinição da organização interna das abonações e exclusão da transcrição fonética, dada a presente fase de instabilidade e assistemática de fenómenos, lacunar quanto a investigação no campo. Ou, sem esta reestruturação, o dicionário que se propõe poderá centrar-se no ensino e dirigir-se a docentes.

O facto é que, embora apresentado como dicionário de «cota reservada [...] para os termos técnicos e científicos específicos das várias áreas geográficas do Português, desde os países Africanos, até Macau e Timor», identificados como «neologismos» dentro da língua portuguesa, «legitimados pela circulação e pelo uso», a obra projectada por M. L. Buescu (1996: 27) atende ao «ensino-aprendizagem do Português Língua Estrangeira» e responde, simultaneamente, a problemas como a «tradução e interpretação nos organismos internacionais, nomeadamente no Conselho da Europa» e ao «estudo e uniformização das terminologias técnicas, científicas, especializadas [...]» (*id.*: 28). Tais objectivos distanciam-na de usos didácticos, localizando-a num âmbito global. Além disso, declarando registar «a partir da língua comum dos países africanos, as *novas palavras* [...] e os *novos* sentidos e variantes» (*ib.*: 28-9), apresenta-se informação gramatical menos adequada à descodificação dos contextos de ocorrência, quer pelo texto explícito, quer pela exemplificação de usos, na via de H. Batoréo - M. Correia (*ib.*: 109), autoras que defendem, também, o mencionado dicionário de M. Vilela para «utentes em situação de aprendizagem» (*ib.*: 110). Na realidade, a respectiva estrutura de verbetes integra uma diversificação de contornos, que é ilustrada pelo contraste da entrada de duas preposições, em comparação valorizadora do tratamento por este oferecido face ao do outro dicionário, até ao momento preponderante nas escolas - o da Porto Editora. Deste modo, não parece ser mais apropriada a via de M. L. Buescu, quanto ao ensino do léxico nos PALOP.

Ilustra-se a micro-estrutura defendida para um dicionário adequado à situação daqueles países, na amostra única de um tratamento dicionarístico possível para a área lexical dos adjectivos de cor e da referência da idade. Alude-se, brevemente, a outras categorias, *v.g.*: sintagmas fixos de núcleo cor / idade. Os exemplos confinam-se ao adjectivo negro e ao nome rapaz. Primeiro introduz-se um resumo contrastivo da referência à cor em diferentes línguas e do seu valor simbólico; segue-se sucinta resenha comentada da referência à idade. Pretende-se que os dados apresentados possam igualmente servir o ensino-aprendizagem do léxico em disciplinas como Língua e Linguística Portuguesa, a destinatários moçambicanos, no seu país ou em Portugal. A abordagem deste assunto justifica-se pela relevância, não remota, do tabu linguístico, do embaraço detectado na docência perante: i) a entrada de negro - preto como contranome de branco, os dois «racialmente» definidos; ii) a estratégia de evitação da palavra rapaz. Ambas efectivam relutâncias geradoras de ineficácia comunicativa e, quanto a i), o próprio *Dicionário do Português Básico* requer actualização, pois contém o sema «raça» sem etiqueta linguística, o que adiante se contesta, tal como inclui a tradicional divisão racial em «branco», «negro-preto», «amarelo» e «vermelho».

1. Cor

Destaque-se, em primeiro lugar, que «[...] a organização linguística do espectro de cor se baseia na configuração desse compartimento do real feita pela própria língua, interiorizada em cada um dos falantes.» (M.Vilela: 1979: 134), pressuposto

este que decorre do objecto da linguística e conduz à variação das línguas naturais na referência serial das cores.

Analisam-se, em consequência, os adjectivos relativos às cores dominantes: amarelo, branco, azul, encarnado / vermelho, preto / negro e verde. São as quatro tonalidades fundamentais - além dos pólos opostos, em sintonia com M. Leach (Coord: 1949: 393), que, nos mesmos autores, correspondem à orientação por pontos cardiais em culturas anteriores às europeias.

Nestes adjectivos, seguindo os princípios de análise de M. Vilela (1979), opõem-se branco, / negro - preto, distintos dos restantes, seriados no parágrafo anterior, pois esses apenas contrastam em *incompatibilidades léxicas* (M. Vilela: 1982). M. Vilela (1995: 115) circunscreve-se às cores atrás enumeradas pela «primazia» que oferecem no mundo ocidental, posicionamento afim do presente tema e aqui retomado. Ciente da tridimensionalidade do «*continuum* da cor», falho de base para identificação de «categorias discretas» (J. Taylor: 1989: 3; M. Vilela: 1994: 105), o presente estudo não incide sobre os sistemas de cor, suas propriedades - *sistematicidade* / *assistematicidade*; *arbitrariedade* / *não arbitrariedade*; *referência focal* / *referência não focal* (J. Taylor: *id.*) - mas sobre algumas associações de valores simbólicos.

Na referência à cor, prefere-se, por razões didáticas, a designação «adjectivos de cor» à inclusão destes no conjunto dos «nomes de cor», que muitos autores defendem, associando adjectivos qualificativos e substantivos ao nome, seu superordenado. Não se ignora, porém, a produtividade da conversão (derivação imprópria na gramática tradicional) entre adjectivos e substantivos de cor.

As cores podem ser hiperónimos das respectivas tonalidades, por vezes expressáveis por via morfológica, *v.g.*: amarelado, esverdeado. Podem também reflectir interligação com cores naturais de certos objectos do mundo de referência, *v.g.*: os adjectivos lácteo, níveo, etc. - «nomes de

objecto» segundo A. Carvalho (1994: 90), como canela, laranja. Nos processos morfológicos de formação do léxico das cores - não situados no núcleo do presente tópico - são produtivas, e particularmente curiosas, outras e variadas derivações: i) a conversão, contida em *prefiro um azul* (adjectivo -> nome) / *blusa turquesa* (nome -> adjectivo); ii) a composição, simplificada-mente ilustrada com *adjectivos de cor* + *nome de objecto* do tipo de azul topázio, verde bandeira (*id.*: 95); *nomes de cor* + *adjectivo* em sequências como laranja vivo, tijolo vivo (*ib.*: 164-5); expressões constituídas de *adjectivo* + *de* + *nome de cor* exemplificadas em azul de Paris, branco de neve (*ib.*: 193); grupos nominais *cor de nome* tais cor de ameixa, cor de carne; nominalizações de *adjectivo cor*+*cor de nome* tais azul cor de sulfato, cinzento cor de fumo ou de *adjectivo de cor* + *adjectivo de cor* tais azul-cinzento, castanho-negro (*ib.*: 198-202). De acordo com M. Correia (cp: 1997), é muito produtiva a sequência *adjectivo de cor* + *nome*, verde-azeitona, amarelo-canário, duplicando exemplos atrás dados.

Sintagmas fixos e fraseologias - distinguindo-se estas daquelas, de forma geral, pela sua maior complexidade, natureza frásica e grau de fixidez, na literatura especializada - revelam-se de considerável produtividade quando construídos à base do núcleo cor. Salientam-se, como propriedades das expressões idiomáticas, o significado global desligado de contexto concreto e a inaceitável comutação dos seus constituintes para além de, quase exclusivamente, exigirem o traço +Hum para o sujeito. Adiante, Quadro I, se listam fraseologias e sintagmas fixos do Português Europeu (Pe), respigados dos dicionários incluídos na bibliografia final. Listas extensas, incompatíveis com um dicionário básico, revelam-se úteis para o ensino do léxico, na docência de Língua ou Linguística Portuguesa. Em M. Vilela (1995: 116-123) e em diversos dicionários, encontram-se listagens criteriosamente comentadas.

QUADRO I

Amarelo

andar, ficar amarelo
camisola amarela
estar em / nas amarelas
estar (pálido, lívido, macilento) amarelo
se não fosse o mau gosto, o que seria do amarelo
ser um amarelo
sinal amarelo
sindicato amarelo
(ter, fazer) ficar de sorriso amarelo

Negro -Preto

andar de negro (de preto, de luto)
(estar) ficar preto
fazer mercado negro
lista negra
passar uma fome negra
pôr o preto no branco
por uma unha negra
(ter, fazer) tornar a vida negra
ter humor negro
(tingir) pintar a cara de preto
tráfico negro
ver tudo preto

Azul

azular
cólera azul
estar azulado
(ficar) ver-se azul de
ter sangue azul
ter um medo azul

Branco

arma branca
assinar em branco
bandeira branca
dar fumo branco
entregar em branco
(estar deslavado)1
estar de ponto em branco
(ficar branco como a cal, a cera, ou a morte)1
ficar branco de medo
(ficar lívido) pálido como um defunto ou a morte1
passar bilhete em branco
passar a noite em branco
tráfico branco
ter conta branca
ter votos em branco
vir em branco

Encarnado -Vermelho

bandeira vermelha
(estar) ficar encarnado
pôr-se vermelho
ser um vermelho
sindicato vermelho

Cinzento

(chegar) passar os dias cinzentos
ficar cinzento (estar)

Verde

ficar verde

Violeta-Roxo

estar roxo por

Obs. 1) o núcleo cor está semanticamente veiculado também por item lexical outro que o objectivo cor de entrada.

São óbvias as conotações sobretudo sociais-político-ideológicas, culturais destas expressões linguísticas.

Poder-se-ão destacar os campos lexicais de branco / negro-preto em que este último aparece marcado, como pejorativo, numa interpretação «rácica» estreitamente ligada aos períodos históricos da expansão europeia e da primeira e segundas partilhas do mundo entre as principais potências. Negro é, no entanto, descrito como lexicograficamente menos marcado do que preto, na dicionarística portuguesa. Nela ocorrem expressões relacionadas com o referido contexto situacional, o que se ilustra com as sequências: *trabalhar como um negro* - cuja equivalência verbal é *negrejar* - *trabalhar é bom para o preto*. Estas fraseologias são paralelas a outras anteriores: *trabalhar como um mouro* - verbalmente equivalente a *mourejar* - além de serem idênticas a *trabalhar como um galego*, *trabalhar como uma besta*, *trabalhar como um cão*. A exclusão social antecedeu a «rácica», confor-

me as expressões citadas.

Anote-se, contudo, que sendo o item negro anterior na língua ao item preto, e menos pejorativamente marcado do que este (M. Vilela: 1979), veicula a referência a indivíduos de «raça negra» e manifesta produtividade na derivação, com conotações afins: negralhada, negralhão, negreiro, negrejar, negrinha, negritude, negrofilia (erudito recente), negrofobia (erudito recente), negróide, ao lado de pretalhada, pretalhão, pretaria. Estas palavras integram o traço +Humano (+ Hum) respeitante ao indivíduo de «raça negra». Preto constitui item recente e erudito, diferentemente marcado face ao étimo latino, usado no Império Romano sem denotar «raça» - acepção, aliás, tardiamente emprestada do léxico italiano *razza* (casta) -, nem ter conotações depreciativas de traço semanticamente +Hum. Em latim, eram os itens genus, eris, stirps, is os que mais se aproximavam do actual sentido de «raça», mas em termos de zoologia, v.g.: *sus generosae*, *canis boni*

generis (seminis, stirpis) ⁽¹⁾. Como predadores de animais é que aqueles adjectivos referiam algo de idêntico a «raça».

Em latim, consoante F. Torrinha (1937; 1939), niger significava negro, sombrio, tenebroso, infeliz, de mau agoiro, nebuloso, malfazejo, fúnebre, etc. Constituindo o latim uma língua de distinção nas cores, dos domínios brilhante / não brilhante (M. Vilela: 1979: 135), a oposição de luminosidade implicava niger como negro brilhante e ater como negro não brilhante, tal como candidus referia branco brilhante e albus branco não brilhante. Uma resultante semântica desta oposição perdurou em certas zonas da România e, de um modo geral, a Lp distingue claro / escuro ⁽²⁾, luminoso / baço em oposição nas cores, para mera diferenciação de tonalidades. Na dicotomia binária luz / trevas, o campo lexical da luz associa-se frequentemente, no falante comum e no contexto cultural do Pe, ao conhecimento e à felicidade e o de trevas ao obscurantismo e à infelicidade - muitas vezes em contextos religiosos, v.g.: *a luz do céu nas alturas, as trevas do inferno*, como M. Vilela vem demonstrando (1979-1995).

Embora branco seja de origem germânica - étimo blank - referia, no passado, o branco brilhante, tendo suplantado o latim albus (A. Nascentes: 1966), que não continha o sema brilho. O sema inicial de blank é atestado pela existência desse sentido residual em *arma branca* (*id.*).

A este propósito e como testemunho do facto de a linguística ter um objecto distinto do da Física (M. Vilela: 1979), refere-se, numa rápida digressão, a orientação da experiência de outros povos, nos reflexos dessas vivências face à configuração do sistema de cores ⁽³⁾. Esta excrecência poderá servir tanto o ensino do Português

como o da Linguística Portuguesa.

Línguas bantas como a dos ndembos (V. Turner: 1972) seleccionam, preferencialmente, três cores centrais do elenco de cores, sendo derivadas, a estas associadas, as restantes cores, organizadas em sistema descritivo do tipo *cor de*, também atrás verificado para o português (M. Vilela: 1979. ss.; A Carvalho: 1994). Assim, amarelo e laranja anexam-se ao vermelho; cinzento e azul ao preto; por vezes, o amarelo ao branco, num conjunto de cores primordiais constituído pelo branco, encarnado - vermelho e negro-preto ou claro / ocre / escuro. As cores secundárias podem relacionar-se entre si como o azul com o verde, em línguas bantas de Moçambique, onde o castanho se integra no encarnado - vermelho e, por vezes, no azul (*vd.* adiante, Quadro II).

As cores, assim configuradas (V. Turner: 1972) contêm semas de carácter simbólico na língua ndembo. O branco, cor do sol, do dia e da lua, cor da raiz da mandioca, de plantas e de árvores relacionadas com certos rituais do ciclo da vida humana - como algumas máscaras - constitui símbolo positivo da vida. Interpreta-se analogamente ao *continuum* gerar, aleitar, alimentar, crescer comunitariamente; ao leite como elemento da relação mãe / filho; ao esperma - unidade da relação homem / mulher. Funciona como sinal do riso, do puro, da sorte e alegria, da chefia e da paz,

O encarnado-vermelho, cor do sol, do fogo e da carne, está conotado com a procriação, em analogia à presença / ausência do sangue da menarca, da iniciação sexual, ciclo de menstruação, partos e menopausa. Cor ainda do sangue dos seres animados e, por extensão, cor da guerra, da vitória-sucesso, da culpabilidade. Associa-se ao branco numa ambivalência relativa à procriação. Gera saúde e riqueza.

(1) F. Torrinha (1937; 1939) considera o sema «raça» incluído em *genus, eris, stirps, is*, e integra-o, como entrada lexical, nos seus dicionários. No entanto, os exemplos remetem para seres animais e não estão datados.

(2) *Clarus, a, um* é sinónimo de: *fulgus, a, um*; *lucidus, a, um*; *splendes, eris*; *luminosus, a, um*. E *obscurus, a, um* é sinónimo de: *tenebrus, a, um*; *ater, a, um*; *opacus, a, um*; *brus, a, um* (F. Torrinha: 1937; 1939).

(3) Muito se agradece não só a sugestão de linhas de pesquisa nesta área, como o fornecimento de bibliografia e a discussão de dados obtidos, ao docente do Instituto Superior Pedagógico de Maputo - Universidade de Educação, E. Medeiros.

O negro-preto, cor escura e negativa da noite, do escondido, da sujidade e putrefacção, do fígado negro, associa-se, por sua vez, ao azar e à feitiçaria. Mas designa, também, o carvão de madeira; as cinzas e outros símbolos positivos como sejam a intimidade sexual, as nuvens negras, anúncio de chuvas; a cor das aves e cabritos que se oferecem a forças sobrenaturais, numa solicitação de chuva em zonas secas e de solo estéril. O negro-preto conota-se com a esterilidade, a obscuridade, o segredo, a noite, tendo por referente, em simultâneo, o amor homem / mulher. A simbologia tripartida das oposições branco / encarnado-vermelho / negro-preto apresenta áreas de sobreposição positiva inter-relacionadas com o ciclo da vida - gerar / crescer / morrer; dia / noite.

Sistemas linguísticos de origem diversa e comum (Coord. M. Leach: 1949: 242) organizam-se com alguns pontos de contacto. Em cherokee, o branco alia-se à paz, à felicidade, ao Sul; o negro à noite, à morte e ao Oeste; o vermelho ao sucesso e ao Este. Inclui-se o azul nas cores primárias, símbolo da derrota e do Norte. Nesta língua, o sistema de cores estrutura-se numa oposição binária - branco, vermelho / negro, azul - de nítida coincidência com o sistema da língua ndembo. A maioria dos povos associa o branco ao Este / Oeste, como cor solar (*id.*; Coord J. Chevalier: 1969: 108;536). Em hebreu antigo, o encarnado / vermelho conotava-se também com sangue / guerra e vitória-sucesso / culpabilidade (V. Turner: 1972).

A escrita pictográfica de todo o mundo - *v.g.*: as pinturas rupestres em geral - apresenta a tríade das cores focais branco, negro-preto, ocre, coexistindo com a dicotomia claro / escuro que a língua dani da Nova Guiné ilustra (J. Taylor: 1989: 11), *i.e.*, os extremos opostos da gama cromática dualidade dia / noite, recorrente em culturas orientais (Coord J. Chevalier: 1969: 538). A este propósito, o autor considera que a categorização da cor respeita às faculdades humanas da cognição e da linguagem num conceito de língua como «a non-autonomous system, which hypothesizes an intimate, dialectic relationship between language on the one hand and more general cognitive faculties

Amarelo (Amarelado)	Azul Castanho	Branco Brilhante/Claro
------------------------	------------------	---------------------------

Bitonga	Safarao	—
Chope	halandi2	dza inkuche

Makonde	alindjano (laranja)	—
---------	---------------------	---

Makhuwa	a-naja a-nikhuwa a-nsafarao	nikhwili2 oripepelela
---------	-----------------------------------	--------------------------

Ndau	safarau1	brumu1
------	----------	--------

Nhungué	nchossue1 asafarau	burumu1 nezuru
---------	-----------------------	-------------------

Nyanja	cikasu kuyezuka	biriwira2
--------	--------------------	-----------

Sena	safrão	brume
------	--------	-------

Shona	kari yero1	bulu, bhuru
-------	------------	-------------

Shuwabo	—	—
---------	---	---

Tsonga	halandi2 xitshopana ribungu	nkuxe
--------	-----------------------------------	-------

Tswa	—	ubuluma2
------	---	----------

Obs. 1) Empréstimo do Português/Inglês. Alguns termos
2) Item integrado no sistema "cor de..."
3) -Hum/+Hum
4) Nestas línguas, ou suas variedades, azul / verde

on the other, and which places language in the context of man's interaction with his environment and with others of his species». M. Vilela (1993: 78-83; 1995: 108) chama a atenção para o relativismo cultural reflectido nas línguas, parâmetro basilar, para o presente tópico, na sua interacção com a universalidade da existência de valores simbólicos, muito embora diferenciados, na referência à cor nas línguas conhecidas (*id.*: 1995: 126).

Próximas de Moçambique, línguas malgaches configuram o espectro das cores em branco, encarnado-vermelho e negro-preto, representando a primeira a superioridade, a luz, a esperança e a pureza; a segunda o poder, a potência e a riqueza; a terceira a

QUADRO II

Encarnado-Vermelho Castanho Roxo + Claro	Negro - Preto Baço - Escuro	Roxo Rosa	Verde Verde/ Azul	
guaga/mulungo ndzo bhassa3	gufuvila biliwila	gussevala ndza intima 3 wo pumala	— —	nsathapa/ lihlazo dza incungo2
anachwe / 3 niungu	anahuvi kukunduvala	kudimba oripa munu wa kurumba	— —	ochiamba2
othela mukunnyala 3 musunk	ochera/ okhwila/ oshurumala	oripa3 mulipa moripa	okhuwa nkhwili	mukithi2 ekithikithi
kutchena3 tchena/muzungo wa kutchena3 ychena/muzungo yera/mzungu	kussuipa3 kufuira fiirira, yezuka lusa	kutshuka wakussvipa3 psipa/kafiri kuda thimbirira	— — yezuka furira	nhoca muliva2 massamba2 ndimo=wisi msipu3 kubiriwira
kutchena/musungo	kufuira/dzevuku	kussuipa kafri	—	nhoca mubiru massamba ndimo
jena tsena mu- [r/z] unger	mpunku	dema muthema hupsipa	—	girini, mjoso kara limaso
uchena/muzungo tenga/basa/mulungo (mu-va) ntihobe + hum	yofila libungu/wtshwuka kuzuka (avermelhado)	yoriba3 ntima3 wa ntima nikuma	— —	mataba2 [r/t]ihlaza2 nkuxe
kubasa/muzungo	xuphuka	xatima3	—	xauhlaza2

são tão obviamente empréstimos que dispensam comentário.

sobrepoem-se, tal como castanho ao amarelo/ azul / encarnado - vermelho.

inferioridade, o indesejável.

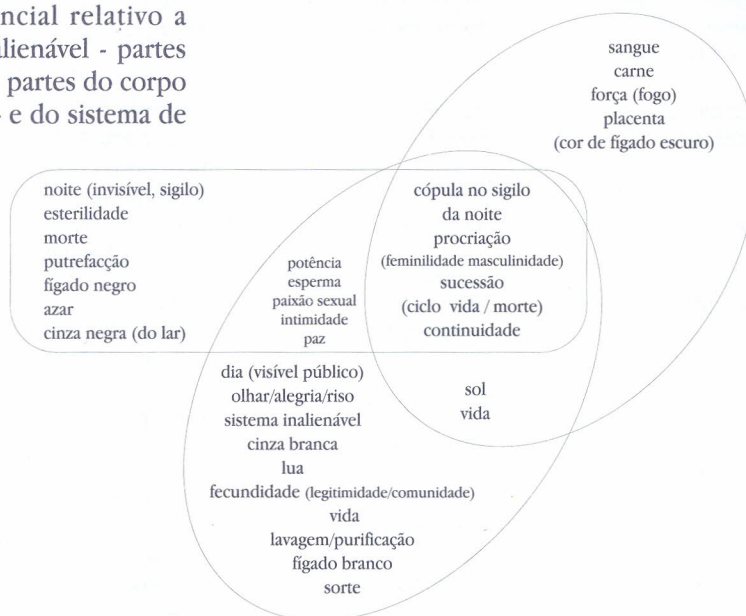
Nalgumas línguas bantas de Moçambique, idêntica fenomenologia se encontra. O recurso aos dicionários disponíveis - dicionários básicos - e a informantes (1) adultos, da faixa etária 18-30, (falantes de bitonga, chope, makonde, ndau, nhúngué, nyanja, sena, shuwabo, tsonga e tswa) permitiu a obtenção dos dados sistematizados nos Quadros II - III. A ortografia, sem coerência, segue a dos dicionários listados nas referências bibliográficas, na ausência de dicionários elaborados segundo uma padro-

nização ortográfica daquelas línguas. Perante os objectivos deste trabalho, fontes elementares como as usadas - parcas de critérios quanto à população inquirida, metodologia de inquérito e natureza de alguns dicionários consultados - podem, mesmo assim, contextualizar, na sua globalidade, a população destinatária do tratamento lexical a propor, muito particularmente na ausência de pesquisa aturada. Saliente-se que o número de inquiridos é desigual, além de não haver distinção de variedades regionais nem sociais.

(1) Agradece-se a colaboração dos informantes, 60 alunos do 1º ano do Instituto Comercial de Maputo e 20 do 1º ano do Instituto Superior Pedagógico de Maputo - Universidade de Educação.

Na Figura 1 visualizam-se as interacções das três cores ⁽¹⁾ primordiais, em conjuntos simbólicos de referencial relativo a percepções do sistema inalienável - partes do corpo e movimento das partes do corpo - do alienável - a natureza - e do sistema de experiências sociais.

figura 1



QUADRO III

Língua	Branco		Encarnado-Vermelho	
	Positivo	Negativo	Positivo	Negativo
Bitonga	sistema inalienável			
Chope		homem branco (contacto com estranho, patrão)	sol (nascer/pôr) terra vermelha	menstruo
Makonde	terra branca (junto à água)		menstruo (fecundidade, fogo)	menstruo (esterilidade) guerra (morte, ferimento)
Makhuwa	esperma branco (potência/vitalidade)		carne, vida placenta	
Ndau	lavagens (purificação)		placenta cor de fígado escuro	
Nhungué	sorte fígado branco			
Nyanja	comunidade (legitimidade, paz)			
Sena	visível (público)			
Shona	público			
Shuwabo	vida alegria			
Tsonga	(cinza branca em cerimónias de alegria)			
Tswa	farinha (de qualquer cereal)			

(1) Salientam-se as opiniões críticas do docente G. Matusse (Instituto Superior Pedagógico de Maputo - Universidade de Educação) e dos alunos do 3º ano da mesma instituição, C. Matches e A. Xavier. Igualmente se destacam as sugestões do professor de Tsonga I e II da autora, F. Khosa, docente da Universidade Eduardo Mondlane.

Uma organização cromática principal, deste tipo, reflecte um universo de referência de sequências infinitas, comunitariamente organizadas em consonância com as entidades a que respeitam (+Hum, -Anim, +Abs) como sejam:

Os traços semânticos binários das colunas +Hum / -Anim / +Abs reduzem-se à oposição binária branco / negro-preto, de simbologia estrita. Os dados recolhidos, na sua totalidade, atestam profunda semelhança com a tríade do sistema de cores da língua ndembo (V. Turner: 1972).

+Hum	-Anim	+Abs
fecundidade / esterilidade	dia / noite	legitimidade / ilegitimidade
vida / morte	sol / lua	+ comum / -comum
purificação / putrefacção	visível	invisível
fígado branco / fígado negro		
sorte / azar		
paz / guerra		
masculinidade / feminilidade		

Quanto a outras línguas, linguística e culturalmente ligadas ao português, os sistemas do latim e do grego clássicos suportavam idêntica oposição binária branco / negro-preto, apesar da oposição brilhante / não brilhante. Comportavam outros adjectivos de cor - amarelo, encarnado-vermelho - de valor semântico igualmente afectado por esta oposição, em termos de luz sobre as trevas (amarelo), de sucesso social (encarnado-vermelho), bem posteriormente próprios da nobreza medieval, como reflexo de domínio sobre o cinzento e o castanho, cores populares (M. Pastoureau: 1984: 103-9). Observe-se que, em russo, красный - encarnado-vermelho - abrange ainda o adjectivo «bonito» do português.

Adiante se destaca a configuração destas línguas (*vd.* Quadros IV - V), em que o brilho, a claridade / obscuridade é, particularmente no latim, um traço distintivo, e não só nos metais, mantido na Lp pela oposição claro / escuro. Esta persiste em línguas eslavas, nada aparentadas, como de novo o russo, *v.g.*: синий (azul escuro) / голубой (azul claro), ou, simplesmente, темный (escuro) / светлый (claro).

Negro-Preto	
Positivo	Negativo
	excremento, esperma negro (impotência, mortalidade)
nuvens negras	fezes
terra negra	olhos, lágrimas de falecimento
noite (intimidade fecundidade da natureza e do homem)	olhos, lágrimas do falecimento
continuidade	noite sujidade
cópula no sigilo da noite	esterilidade da natureza e do homem, morte
placenta, cor de fígado escuro	feitiçaria fígado negro
negro brilhante da pele	falta de sorte, tristeza putrefacção cinza escura da fogueira usada para cozinhar invisível, escondido

QUADRO IV

Língua	Amarelo	Azul	Branco	Encarnado - Vermelho (rosado)
Grego	ξανθός, η, ον ωχρός, α, ον	χρῶνον, η, ον χρῶνός, η, ον (azul / verde pouco distinto)	λελευχῶενός, η, ον	τό ερυθρός, ον τό φυχός, ον υπερνθρός, ον
Latim	brilhante/não bril. 1) aureus, a, um, fulvus, a, um flavus, a, um cereus, a, um rubicundus, a, um luror, oris, liuidus, a, um pallidus, a, um,	caeruleus, a, um, caerula, orum	brilhante/não bril. candidus, a, um, argenteus, a, um, albus, a, um, lacteus, a, um niueus, a, um	brilhante/não bril. 1). vermiculus, a, um rutilus, a, um rubor, oris rubeus, a, um ruber, bra, brum russus, a, um purpureus, a, um rufus, a, um, roseus, a, um

- 1) Esta oposição não se verifica em todas as cores, ou não apresenta a mesma nitidez.
2) Cor que ocorre secundarizando encarnado - vermelho.

QUADRO V

Língua	Branco		Amarelo		Negro-Preto		Encarnado-Vermelho	
	Positivo recebeu a cor branca, lavado	Negativo	Positivo	Negativo pálido ωχρός, α, ον ¹	Positivo	Negativo triste σηξθρος, α, ον ¹ mau Μονηρός, α, ον ¹ τό αισχρον, ον, ¹ εργον, ον ¹ infâmia ἰρδελνρια ¹ lívido τό ηελιωμα ατος ¹ sujo αυχμηρός, α, ον ¹ obscura σκοτεινος, α, ον ¹	Positivo	Negativo
Grego								
Latim	candente, fogo resplandecente inocente, puro, favorável, sinceridade, pureza virtude candidato ardente favorável cor de fogo feliz, formoso sol	pálido de terror doença descorado	+ Hum louro moreno, belo precioso, formoso Idade do Ouro ardente cor de fogo	desagregado triste rancoroso, cruel macilento cor da morte exangue denegrido sombrio lívido, pálido doente descorado	luzidío forte sólido	afrito lívido, denegrido fúnebre trevas, sinistro sombrio obscura, atroz mau agoiro feroz, infeliz manchar, difamar desfavorável	púrpura sol escarlata carmim lua rubor róseo brasa ruivo carne corar areia vermelha sangue saúde fogo	

Obs.: 1) Léxico incluído quando só este item, dos dicionários consultados, envolve significação positiva / negativa.

Negro - Preto	Roxo (Violeta, Avermelhado) ²	Verde
- Hum μελανειμων, ov δυσμενης, es + Hum o Αιθιωψ, οηος		χαλωρ σ, α, όν
brilhante/não bril. <u>niger</u> , is +Hum <u>Aethiops</u> , is <u>subniger</u> +Hum (pele morena). <u>ater</u> , a, um <u>fuscus</u> , a, um +Hum (pele morena)	<u>russeus</u> , a, um <u>violaceus</u> , a, um, <u>russatus</u> , a, um	uiridis,

fortemente convencionais, que exibem dada a recorrência de alguns valores simbólicos.

Em grego, como já se afirmou relativamente ao latim, o sema «raça» não existia e, para referir um ser +Hum mais escuro, portanto diferente de cor da pele, seleccionava-se mais usualmente um nome referente à origem geográfica, nacional, *v.g.*: Αιθιωψ, οηος forma similar à correspondente latina, *v.g.*: Aethiops, is. Ovídio e Virgílio, entre mais, ilustram usos de niger para os referentes Andrómeda, filha de Ceceu, *patriae fusca colore*=com a morena cor da terra, e o rei Memnon dos etíopes, *nigri Memnonis arma suae* = as armas do negro Memno, longe de conotações rácicas

figura 2

Aduziram-se dados relativos à configuração do elenco de cores nos sistemas de diversas línguas bantas que, como foi provado, se identificam com oposições recorrentes em várias línguas. Assim (Fig. 2), o latim e o grego confirmam a hipótese de, pelo menos a oposição branco / negro-preto funcionar em idêntica natureza simbólica, havendo maior diferenciação nos valores conotativos do amarelo. O encarnado-vermelho ocorre sempre como símbolo do sangue, do sol a certas horas, do fogo, figurando (*vd.* Obs. 1) na intersecção do branco com o amarelo.

Em abono do exposto, apresentam-se sequências e frases, retomando o português como l. of., realizadas pelos inquiridos *supra* mencionados: *amar o espírito branco; viajei na terra branca de Moçambique; o meu olhar embranquece o mundo; temo o negro; com a guerra, as noites são vermelhas*. Tais metáforas são passíveis de tradução para a totalidade das línguas analisadas - não obstante as pressuposições pragmáticas,



de séculos ulteriores (D. Lucas: cp: 1997). L. Quicherat - A. Daveluy (1865) cita Cícero na mesma ocorrência + Hum, v.g.: *Qui, albus aterne fueris, ignorat = não saber se alguém era branco ou preto - desconheçê-lo* (D. Lucas: cp.: 1997), que põe em relevo o facto de não se fazer distinção entre extremos cromáticos na coloração da tez e nada mais, paralelamente ao sentido -Hum de *alba et atra discernere = discernir o branco do preto* (id.); *quae alba sint quae nigra dicere = dizer o que é branco, o que é preto* (ib.); *nigrum in candida uertere = fazer do branco preto* (ib.); *nigra hora = hora da morte, niger domus = casa funerária* (ib.).

As aceções depreciativas dos indicadores de cor, nos sistemas percorridos, não se relacionam com o conceito, ultrapassável, na actualidade, de «raça». A demonstrá-lo está o facto de não ter existido, antes do período da expansão europeia, como mais uma conotação semântico-pragmático-sociolinguística a acrescentar a oposições simbólicas anteriormente existentes em línguas diversificadas.

O carácter situacional daquela significação funciona para negro-preto nas línguas europeias abordadas e para branco nalgumas línguas bantas, embora +opcional, logo -marcado, v.g.: *muzungo, musungo, mulungo* etc., que abrange, em variadas formas ortográficas, *branco, patrão, chefe* (vd. Quadro II). C. Figueiredo (Ed. 1913) inclui no verbete *branco* *homem de raça branca*, ao lado de *senhor, patrão*, como brasileirismos - aceções decorrentes de um denominador comum, a colonização europeia. No mesmo sentido, esta edição integra sinonímia com *escravo* nos itens *negro - preto* e atribui o traço sémico «raça», mantido nas edições ulteriores, a *branco, amarelo* e *negro - preto*.

O sentido dos adjectivos de cor sofreu os processos evolutivos de todos os fenómenos linguísticos. A conotação «rácica», ainda hoje observável, introduzida tardiamente, não consta dos dicionários de latim - língua-mãe do português. Uma referência aos indivíduos, posteriormente denotados por *negros*, à data do Império Romano,

aparece no já referido item *Aethiops*, por vezes sinónimo de *escravo* (F. Torrinha: 1939), tal como, no entanto, *paedagogus* sinónimo de *aio*, *preceptor*, *mestre* e *graecus* também o podiam ser. O item latino *fuscus*, além de *niger* designa o tom baço, moreno, escuro da pele (id.), contudo, não contém o sema «raça». D. Lucas (cp: 1997) aduz o exemplo *quid tum, si fuscus Amyntas et nigrae uiolae sunt et uaccinia nigra = e que seja moreno Amintas também as violetas são negras e pretos os mirtos*. No séc. XV é que se introduziu a noção de «raça», posteriormente divulgada e com aceção tomada de empréstimo à zoologia, em consonância com o *Boletim da UNESCO* (1984). O mesmo está patente na *Bíblia*, pois onde ocorre em latim *progenies uiperarum*, encontra-se nas recentes versões portuguesas *raça de víboras*, em contexto de : i) S. João contra seitas religiosas *Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da cólera vindoura?* (Mat. 3.7); ii) Jesus aos fariseus *Raça de víboras, maus como sois, como podeis dizer coisas boas?* (Mat. 12.34). Comprovadamente, não existe o sema «rácico» de tempos posteriores. Se as palavras latinas exibem marcas semânticas negativas, elas não são, de modo nenhum, de ordem rácica. A dicionarística francesa e espanhola também só atesta aquela aceção a partir do séc. XV.

Em J. Machado (1977), regista-se, *apud* outros filólogos, uma das primeiras ocorrências da palavra «raça», no português, datada de 1473, em aceção cultural vincadamente ofensiva: *non de pouco convertidas nin infeitas da mala raça de mouros ou judios*. Atente-se na índole religiosa da exclusão ainda não «racial», mas notoriamente económica e social. A esta se acrescentará a discriminação física de igual motivação.

J. Machado (id.: *apud op. cit.*) nas abonações de *negro* sequencia os traços significativos como se segue: *ut feret in pelagre negro* (-Anim: séc. X); *e hir come mercadeyro / algũa terra buscar / hu me non possam culpar / alacran negro nen ueiro* (+An: séc. XIII);...*que elle podesse*

poeer por corretor dos mouros E mouras negros e aluos que sse ouesem de uender... (+Hum: séc. XV). De novo não são referidas atestações do sema «raça» anteriores à Expansão, na literatura da especialidade. Nem este filólogo, nem A. Nascentes, nem outros especificam muito a micro-estrutura respeitante a preto, quanto a traços sémi-cos, por constituir item mais tardio e de etimologias alegadamente pouco curiais.

A evolução semântica seguinte, secularmente aceite, vai noutra direcção e é óbvia no séc XVIII, v.g.: cafres - «[...] os mais cruéis de todos sam os coonas, que assão vivos aos mesmos cafres de outra nação, quando os apanhão, sam os mais negros de todos elles & trazem cabello corredio» (R. Bluteau: 1720) e negro - «Homem da terra dos negros, ou filho de pays negros» (*id.*). Mais viável se julga, consequentemente, uma reanálise de valores simbólicos negativos - constantes em variadas línguas como se viu - que, por imperativos expansionistas, se associaram a aspectos físicos de povos subjugados. Ou seja, são determinantes para a significação alguns factores histórico-culturais.

O sema «rácico» parece, presentemente, em fase inicial de desuso, de tabu linguístico, e, depois de ultrapassada, pela comunidade científica, a tradicional divisão da espécie humana em três «raças» - «amarela», «branca» e «negra» ou até quatro, adicionando-se a «vermelha» (M. Vilela: 1990: 109) - não se pode protelar, nas descrições lexicográficas, o carácter anticientífico daquela classificação, utilizando-se as aspas nas anotações semântico-lexicais, como separadores dos usos, sem conteúdo genético, de motivações sociolinguísticas e pragmáticas, em comunidades de utentes da Lp como l. of., e não só. Impõe-se uma concordância com as asserções de que «qualquer agrupamento não pode ser senão arbitrário» e de que para o biólogo «o conceito de raça não corresponde, na nossa espécie, a nenhuma realidade definível de maneira objectiva e estável», em sintonia com o *Boletim da UNESCO* (1984). Se C. Figueiredo (25ª Ed. rev. e

amp.: 1996) retira o exemplo *raça branca*, na descrição da vedeta *raça*, das edições anteriores - v.g. a 23ª Ed. de 1973 - mantém o texto: *s.f. o conjunto de indivíduos que conservam entre si, e através das gerações, relações de semelhança e cada uma das variedades da espécie humana ou de qualquer espécie de animais (id.: v. II)*. E, em J. Costa *et al.* (7ª Ed. rev e amp.: 1994), ainda se inclui, na abonação: «(*antrop.*) agrupamento natural de homens que apresentam um conjunto comum de caracteres hereditários, independentemente da língua, dos costumes, da cultura, o que o opõe à etnia (*raça branca, amarela, mas não raça latina, portuguesa*). Aliás, a mencionada reedição de C. Figueiredo, nos verbetes negro-preto e branco mantém a descrição tradicional e até os exemplos, i.e., sem anotação de «em desuso», «depreciativo». Questão de eurocentrismo, julga-se. Destaca-se que a 25ª Ed. de C. Figueiredo retira do item «raça» a aposição presente na 23ª Ed., de expressões concretizadoras das acepções populares de *rasto*, *sinal*, *casta*, i.e., as sequências: *não tem raça de vergonha na cara ; dinheiro nem raça tenbo*. Estas, todavia, reporiem um sema recorrente na palavra e, de modo nenhum, «rácico», presente noutras expressões, v.g.: *ser de boa ou má raça*. Sendo as variações ambientais, diluídas na nossa sub-espécie, não há «raças» para a biologia actual. É pelo séc. XVIII, para validar o domínio sobre outros povos, que a palavra se «reveste» de significado pretensamente científico, associando-se à cor da pele outros traços, comprovadamente inexistentes, não havendo entrada na terminologia científica. O iluminismo eivou de tais descrições a dicionarística francesa, conforme o volume *L' Ethnolinguistique* da revista *Langages* 18 (Org. B. Pottier) comprovou há décadas. «Raça» depende, então, das épocas e/ou dos sujeitos. A definição antropológica carece de informação biológica complementar na definição do «conjunto comum de caracteres hereditários» e nos exemplos (J. Antunes: 1997: cp). À lexicografia cabe assinalar os diferentes

usos, linguisticamente etiquetados.

A realidade factual é a de, maioritariamente, as abonações lexicográficas atestarem «branco», «negro», «preto» e «raça» como termos científicos... A excepção de *The Oxford Companion to The English Language* (AAVV: 1992), os dicionários consultados, vulgares em bibliotecas destinadas ao Ensino Superior e Secundário ou públicas, retomam verbetes de edições / obras anteriores, sustentando a visão eurocêntrica em vedetas como «negro», «preto» contrastadas com «branco». Nessa linha se inserem A. Silva (8ª Ed. 1988-rev., aum., act. da 10ª Ed.), J. Machado (1991) - idêntica a C. Figueiredo (1939 -1996) e à *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (1935 ss.). Os dicionários do inglês não se afastam deste fio condutor, v.g.: *Longman Dictionary of Contemporary English* (1978); *The Oxford Reference Dictionary* (1986), muito embora haja contradições entre abonações. Do *Petit Robert* (1987) constam, igualmente, verbetes incompatíveis. Nem todos os conceptores de dicionários, no caso vertente, assinam acriticamente o acervo de descrições pseudocientíficas. Em nenhum predomina a contextualização de negro-preto em co-hiponímia com outras indicações, de traço +Hum, meramente caracterizadoras / indicadoras da coloração da pele, mais ou menos permanente - resultante de tons fixos e/ou de efeitos do sol (considerado em C. Figueiredo), de doenças, de pinturas - v.g. a série de adjectivos / nomes: negro-preto, escuro, moreno, queimado, acastanhado, encarnado-vermelho, esverdeado, bilioso, amarelado, baço, rosado, róseo, olheirento, macilento, pálido, branco, claro, deslavado, leitoso, lívido, etc. (ordenação gradual algo discutível).

São de referir, em conclusão, os comprovados valores simbólicos do sistema de diversas línguas naturais, designadamente na leccionação de áreas como a da Linguística Portuguesa, além da Língua Portuguesa - l. of. ou não - ainda que não estejam no figurino da lexicografia actual, carente de retoques linguísticos finais.

2. Idade

Passando o presente artigo a reportar-se à «idade», apresentam-se os adjectivos centrais desse campo lexical no português: antigo, arcaico, idoso, fresco, jovem, moderno, novo, recente, velho (M. Vilela: 1979: 105). Aquele linguista acrescenta ainda os adjectivos: adolescente, adulto; benjamim, primogénito; menor, maior; trintão, quarentão, cinquentão; centenário, secular, milénar; maduro, usado; juvenil, senil, etc. (*id.*). O mencionado lexicógrafo não exclui itens de outros campos e/ou categorias também operacionais na área da referência à idade. Essencialmente, uma distribuição pelos traços semânticos + / -Anim, + / -Hum possibilita uma primeira classificação, a ser acrescentada por traços como «próprio da idade», «ordenação temporal» (*ib.*). Por conversão, muitos dos adjectivos / classificadores enumerados ocorrem como nomes, v.g.: jovem, adolescente, benjamim, primogénito.

Embora não constituindo adjectivo, portanto na periferia do campo lexical dos adjectivos, considera-se relevante o nome rapaz, que ocorre nos dicionários do português contemporâneo como um indivíduo de faixa etária limitada por *criança do sexo masculino* e *homem novo* (J. Costa *et al.*: 7ª Ed. 1994 - rev., amp.), tal como a 6ª Ed. (1986) e C. Figueiredo (25ª Ed. 1996, rev., amp.). Em ambos se inclui, como brasileirismo, a acepção de *criado, preto de pouca idade*. Pode ser sinónimo de *criança, garoto, gaiato, jovem mancebo, moço, homem novo*. Na derivação, o item rapaz relaciona-se com rapazeada / -iada, rapagão, rapazelho / -zete, rapazice, rapazio, rapazola. Como fraseologia ficou *rapaz de uma cana*. No português europeu contemporâneo é moço que exhibe o sema *criado*, mas em contexto de *criado de lavoura, serviçal, moço de fretes, carregador*, conforme J. Costa (1994). C. Figueiredo (15ª Ed. -23ª Ed.) atesta, ainda, como brasileirismo *menino ou rapaz branco*, ausente da 25ª Ed. Na presente geração de portugueses, particularmente

do norte, é reconhecido o significado de moço como trabalhador do campo, assalariado, que tanto podia ser jovem como adulto já de família constituída. Os etimologistas consideram obscura a origem de moço. Já a de mancebo, terceiro item a poder significar criado, é clara, provém de étimo latino traduzível por escravo, sentido eventualmente residual, no uso militar, não atestado nos dicionários consultados.

Como nome referente à idade, enquadra-se entre os co-hipónimos, escalarmente ordenados: bebé, criança, menino, gaiato, garoto, mancebo, rapaz, homem, varão, ancião, etc., e seus derivados (com inclusão de nomes deadjectivais, por conversão, v.g.: miúdo, moço). De origem depreciativa e introdução tardia - via erudita - no sentido de *que rouba* (A. Nascentes: 1966), o item rapaz tinha por sinónimo na Idade Média, lacaio, criado, escudeirinho (*id.*), termos pejorativos que relacionam o adjetivo latino com a *rapacidade dos lacaios* (*ib.*). Identificado como de aceção moderna, por P. Teyssier (1985: Seminário de Lexicografia, Faculdade de Letras de Lisboa), nas numerosas ocorrências que G. Vicente atesta é sinónimo de pagem e escudeiro, ressonância depreciativa que se mantém, como residual, hoje ainda, nos seguintes contextos: *coisas de rapaz*; *farto de rapazes* e *ter comportamentos de rapaz*. J. Machado (1977: v.V) associa à etimologia, idêntica à de rapace, aceções como as de *aquele que arrebatava*, de *arrebanhador*, *rapinante*, *ávido de lucro*, *ladrão*, *gatuno*, *aquele que se apossa de*. Nas suas abonações, ilustra sentido ofensivo que verifica desde o *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* (textos do séc. XIII - XIV, copiados no séc. XVI).

Na l. of. de Moçambique, por exemplo, rapaz fixou-se, na época pré-independência, com o sentido depreciativo intensificado de criado preto pertencente a qualquer nível etário. Esta aceção, em progressivo desuso, é comum à variante brasileira da Lp, v.g.: *criado*; *preto de pouca idade*, atrás citada e também registada em A. Silva (Ed. 1988), J. Machado (1991), na *Grande*

Enciclopédia Portuguesa e Brasileira (1935 ss.) e nas edições de C. Figueiredo - aceções separadas e, na 13^a e na 23^a edição, de atribuição geográfica mais restrita. No português do Brasil tem por referente, nas obras examinadas, indivíduos de faixa etária menos extensa, exibindo-se a conotação de *criado* em contraponto de um sema de branco *Homem de raça branca, senhor, patrão*, que também figura em C. Figueiredo (1913), *ut supra* se viu.

Regista-se que, na tradição lexicográfica francesa do séc. XVIII, «garçon» era sinónimo de «criado, empregado subalterno», v.g.: *garçon de courses, de cabine* (Petit Robert I: 1987). De dicionários do inglês cita-se Longman (1981) «boy [...] (now considered offensive) a male servant of different race». Hoje procura-se obviar ao desajuste de sinonímias que requeiram informação sociolinguística e/ou pragmática, não adiável face ao desenvolvimento destas áreas de investigação.

3.

Para finalizar, o tratamento lexical, a ser veiculado pelas anotações descritivas de um dicionário básico e escolar da l. of., ou mero conteúdo da aula de língua, no tocante aos dois itens inicialmente definidos - negro e rapaz - enquadrar-se-ia num texto do tipo adiante adaptado / proposto (*vd.* Agradecimentos finais), veiculador de informação lexical, semântica, morfossintática e sociocultural, em consonância com a análise exposta. Causas ponderosas, desta decorrentes, acautelam, na presunção de que o rigor do consenso científico seja mandatário, qualquer abonação de dicionários a elaborar / actualizar, em ordem à exclusão de formulações defeituosas, não linguisticamente etiquetadas como depreciativas, em desuso, etc. - anotações correntes, em lexicografia, no que toca a outros itens e a estas mesmas vedetas, todavia não em todos os autores.

NEGRO - Adj. bif.; n. m. f.

I [Adj] (Diz-se de coisas, pessoas) 1) Comprei mármore negro e branco. 2) O carvão é negro. 3) A miúda ficou toda negra. 4) Só numa noite negra hei-de fazer isso. 5) - Sor-te negra! 6) Caiu e ficou cheio de nódoas negras. 7) - Que céu negro! Vem aí trovoadas.

II [n. m. f.] 1) O *apartheid* dividia, por exemplo, os negros dos brancos e dos amarelos. 2) Por muito que o sol queime uma morena, ela nunca consegue o tom das negras, tal como as mais pálidas das brancas nem chegam a encarnadas.

G I. Adj. Predicativo bif. Varia em grau. Frases I 1) a 7).

G II. N. humano, m. f. e contável. Frase II 1) e 2).

S I. Negro identifica o que é escuro, de cor preta (frases 1) e 2), sujo (frase 3), escondido (frase 4), triste (frase 5). Refere manchas escuras, de sangue pisado (frase 6) ou no aspecto do dia (frase 7). Entra em expressões como as adiante apresentadas e logo seguidas dos correspondentes sinónimos: *andar de negro* = *estar de luto*; *lista negra* = *lista secreta e para maus fins*; *fazer mercado negro* = *fazer comércio escondido da lei*; *passar uma fome negra* = *sofrer período infeliz de fome*; *por uma unha negra* = *escapar por pouco*; *fazer a vida negra* = *prejudicar muitíssimo*; *ter humor negro* = *rir-se de misérias*; *ver tudo negro* = *sentir uma tristeza geral*; *ser rico em ouro negro* = *ter abundância de petróleo*.

S II. Negro referia-se a indivíduos da então chamada «raça negra» (frase 1), conceito negado pela ciência. Tanto negro como preto foram e são nomes de uso depreciativo, devido a políticas de expansão e colonização. Como sinónimos houve a palavra arcaica cafre e uma outra, recente e mais frequente na língua falada e popular, grunho, ambas actualmente em progressivo desuso. Encontra-se na literatura daqueles tempos. Pode ser usado em sentido pejorativo. Frequentemente usa-se apenas como indicação de diferenças de tom da pele, por vezes só ocasionais, para caracterizar ou identificar pessoas pela

tonalidade normal, queimada, doentia, etc., como por exemplo os nomes e adjectivos seguintes: negro, escuro, moreno, queimado, encarnado, baço, rosado, olheirento, pálido, branco, claro, deslavado (frase 2).

Voc. Negritude (n. f.) A teoria da cultura negra está ultrapassada -> A teoria da negritude está ultrapassada.

RAPAZ - N. m.

1) A Luísa tem um casalinho, o rapaz é o mais velho, a menina é a mais nova. 2) Meu rapaz, é tempo de irmos lanchar. 3) Esse colega de serviço é um bom rapaz. 4) Na próxima semana há o vigésimo jantar dos rapazes da minha brigada. 5) Não te preocupes, isso são coisas de rapaz, passam-lhe.

G. Rapaz é um n. comum humano m. O fem. é rapariga. Pl. rapazes. Contável nas frases 1) a 4) e não contável na frase 5).

S. Rapaz pode designar um indivíduo do sexo masculino desde a infância até à juventude (frase 1). É uma forma de tratamento familiar (frase 2). Entra em expressões que apreciam, positiva ou negativamente, relações entre adultos, colegas de trabalho, por exemplo (frase 3). Usa-se para indicar companheirismo de adultos (frase 4). Refere as atitudes, o comportamento próprio de jovens sem experiência (frase 5).

Durante o colonialismo, a palavra, tal como o seu feminino, tinha sentido depreciativo quando referia trabalhadores adultos, considerados subalternos e inferiores. No presente, com esse significado, encontra-se em progressivo desuso, mas aparece na literatura da época e em usos pejorativos.

Voc. Rapaziada (N.f.) Esse grupo de rapazes brinca no pátio -> A rapaziada brinca no pátio. Rapazinho (N. m.) Esse rapaz mais pequeno e novo é meu irmão -> Esse rapazinho é meu irmão.

Conclui-se a presente análise com estas duas hipóteses de abonação, para uma descrição lexicográfica simplificada, numa adaptação do *Dicionário do Português Básico* e, paralelamente, com as perspectivas lexicais abordadas, julgadas de relevância

para ensino do léxico, em aulas de Língua Portuguesa e/ou Linguística Portuguesa, a destinatários africanos. Particularizou-se com exemplos da comunidade moçambicana de utentes, onde quer que se encontrem sediados, pelo facto de se terem trabalhado dados junto dela obtidos. Questões não aplicadas deixam-se para a dicionarística e a categorização linguística em geral ou para a biologia e a antropologia.

Agradecimentos: Palavras de gratidão especial à colaboração crítica, em leituras preliminares, dos docentes: da Faculdade de Letras de Lisboa, M. Correia - que, muito atentamente, actualizou e apontou linhas de pesquisa (c.p.: 1997); da Universidade Aberta, D. Lucas - que, numa investigação simultânea e paralela, verificou dados relativos ao latim e recolheu as frases / expressões ilustrativas citadas, comparando dicionários com textos (c.p.: 1997). Só a grande amizade e dedicação profissional de ambos justifica tanto apoio. Um muito obrigada ao doutor J. Morais Antunes, da Escola Superior de Educação de Beja - que reviu as afirmações respeitantes a outras áreas científicas (cp: 1997). Gratidão também pela bibliografia facultada por H. Batoréo, M. T. Cayolla.

A M. Vilela, catedrático da Universidade do Porto, particular reconhecimento por me ter iniciado e dirigido, há anos, nas maravilhas do léxico e em questões da lexicografia escolar para os PALOP, durante a minha colaboração num anexo ao *Dicionário do Português Básico* (destinado a Moçambique), de cujas versões preliminares foram extraídas e reformuladas frases das abonações agora propostas.

REFERÊNCIAS

1. Específica

- BATORÉO, H; M. CORREIA (1996). «Conhecimento Semântico e Informação Lexicográfica» In: *Actas do XI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística -1995*, v. II, Lisboa.
- BENEŠ, E. (trad. 1976). «Acerca do problema do Léxico Fundamental no Ensino do Alemão». In: *Problemas de Lexicologia e Lexicografia*. Porto: Civilização Ed.
- BUESCU, M.L. (1996). «Dicionário Essencial do Português Contemporâneo». In: *Actas do XI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística - 1995*, v. II, Lisboa.
- BUSSE, W; M. VILELA (1986). *Gramática de Valências*. Coimbra: Almedina.
- CARVALHO, A. (1994). «Nomes de Cor num Corpus Especializado - Moda e Vestuário nos Últimos Trinta Anos». Dissertação de Mestrado: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- CASTELEIRO, J. et al. (1988). *Nível Limiar*. Strasbourg: Conselho da Europa.
- CHEVALIER, J. et al. (Coord: 1969). *Dictionnaire des Symboles*. Paris: Laffont
- DUBOIS, J. et al. (1991). *Dictionnaire de Linguistique*. Paris. Larousse.
- GROSS, G. (1980). «Lexicographie et Grammaire». In: *Cahiers de Lexicologie*, 39.
- JACQUART, A. (1984). «Una Sarta de Mitos Sendo Científicos». In: *Boletim da UNESCO*
- LEACH, M. (Coord. 1949,1950). *Standard Dictionary of Folklore, Mythology and Legend*. New York: Funk & Wagnalls.
- PASTOUREAU, M. (1984). «Couleurs, Décors, Emblèmes» In: *Matériaux pour l'Histoire des Cadres de Vie dans l'Europe Occidentale*. Nice: Université de Nice.
- RECANATI, F. (1981). *Les Ennoncés Performatifs*. Paris: Ed. Minuit.
- TAYLOR, J. (1989). *Linguistic Categorization*. Oxford: Clarendon Press.
- TURNER, V. (trad. 1972). «La Classification des Couleurs dans le Rituel Ndembu». In: R Bradbury et al, *Essais d'Anthropologie Religieuse*. Paris: Gallimard.

VILELA, M. (1979). *Estruturas Léxicas do Português*. Coimbra: Almedina.

(1982). «A Antonímia como Relação Semântica Lexical» In: *Biblos*, v. LVIII.

(1993). «La Langue: Catégorization de la réalité ou Création de la Réalité?». In: *Intercâmbio*, 4.

(1995). *Léxico e Gramática*. Coimbra: Almedina.

(1996). «O Dicionário na Aula de Português». In: *Actas do Congresso Internacional sobre o Português - 1994*, v. II, Lisboa.

2. Dicionários

BLUTEAU, R. (1720). *Vocabulário Portuguez & Latino*, v XVIII. Lisboa: Oficina de Pascoal da Sylva.

COSTA, J.; A. Melo (7ª Ed. 1994). *Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Ed.

FIGUEIREDO, C. (1913). *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Clássica Ed.

(23ª Ed. 1973). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livraria Bertrand.

(25ª Ed. 1996). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livraria Bertrand.

GIUSEPPE, F. (1982). *Dicionário de Emakhuwa Português e Português Emakhuwa*. Lichinga: Policopiado da Missão da Consolata.

GUERREIRO, M. (1963). *Rudimentos da Língua Makonde*. Lourenço Marques: Instituto de Investigação Científica de Moçambique.

HANNAN, M. (1974). *Standard Shona Dictionary*. Salisbury-Bulawayo: Ed. Marson.

MACHADO, J. (3ª Ed. 1977). *Dicionário Etimológico da Língua portuguesa*, VI, II, V. Lisboa: Livros Horizonte.

(Coord. 1991). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Alfa.

MATOS, A. (1974). *Dicionário de Português-Macua*. Lisboa: Junta de Investigação Científica do Ultramar.

NASCENTES, A. (1966). *Dicionário Etimológico Resumido*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.

SILVA, A. Morais (1789) (8ª Ed. 1988 - rev., aum., act. da 10ª Ed. 1949-59). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Ed. Confluência.

SIMÕES, G. (1984). *Dicionário de Expressões Populares Portuguesas*. Lisboa: Ed. Perspectiva & Realidade.

STAREST, S.; VOINOVA, N. (Ed. 1979). *Dicionário Prático Português-Russo*. Moscovo: Moscovo Ed.

QUICHERAT, L.; A. DAVELUY (1865). *Dictionnaire Latin-Français*. Paris: Hachette.

QUINTÃO, J. (1951). *Dicionário Xironga-Português e Português-Xironga*. Lisboa: Agência Geral das Colónias.

TORRINHA, F. (1937). *Dicionário Latino-Português*. Porto: Ed. Maranus.

(2ª Ed. 1939). *Dicionário Português-Latino*. Porto: Ed. Domingos Barreira.

VILELA, M. (1990). *Dicionário do Português Básico*. Porto: Ed. ASA.

3. AAVV

Dicionário Cinyanja-Português (1963). e *Dicionário Português-Cinyanja* (1964). Missionários da Companhia de Jesus. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar.

Dicionário Portuguez-Cafre Tetense (s/d, Ed. nem autor).

English-Tsonga, Tsonga-English (Ed. 1982). Lesotho. Swiss Mission: Sasanova Books.

Longman Dictionary of Contemporary English (1978). Burnt Hill: Longman.

Petit Robert, v. I (1987). Paris: Le Robert.

The Oxford Companion to The English Language (1992). Oxford: Oxford University Press.

The Oxford Reference Dictionary (1986). Oxford: Clarendon Press.

Português Fundamenbtal, Vocabulário e Gramática (1984). Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

Boletim da UNESCO (1984).